

MONUMENTAL

Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Jorge Guinle,
Leda Catunda e Luiz Zerbini



Na Pinakothek São Paulo, até 20 de julho, obras emblemáticas que exploram o conceito de monumentalidade de cinco expoentes da icônica mostra realizada há 40 anos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, “Como vai você, Geração 80?”

Com curadoria de Max Perlingeiro, a exposição apresenta obras que exploram o conceito de monumentalidade de Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Jorge Guinle, Leda Catunda e Luiz Zerbini, no momento em que se celebra os quarenta anos da emblemática exposição *“Como vai você, Geração 80?”*, realizada na EAV do Parque Lage, Rio de Janeiro, com curadoria de Marcus Lontra, Sandra Magger e Paulo Roberto Leal. *“Esses artistas buscaram transcender as fronteiras físicas e conceituais dos trabalhos para criar impacto e desafiar o público”*, afirma Camila Perlingeiro, diretora editorial da Pinakothek.

No texto que acompanha a exposição, a diretora da Pinakothek destaca o caráter das obras de grande formato no Brasil: *“A produção de obras de arte de grandes formatos na cena artística brasileira contemporânea é reflexo de uma expressão única da identidade cultural do país. Artistas brasileiros têm explorado a monumentalidade como uma forma de transmitir narrativas tanto quanto provocar reflexões sobre questões sociais, políticas e ambientais. Através de esculturas, instalações, pinturas murais e in-*



De cima para baixo:
Angelo Venosa, *Catilina*, 2019
Foto: Antonio Mendel;
Beatriz Milhazes, *Tonga II*, 1992
Foto: Divulgação



Jorge Guinle,
Sexta-feira,
1985
Foto: Divulgação

tervenções urbanas, a arte brasileira em grande escala ressoa com o público e transforma o espaço”, afirma.

O principal destaque da mostra é *“Catilina”* (2019), obra tridimensional de Angelo Venosa (1954-2022), em madeira, tecido e fibra de vidro, medindo 305cm x 372cm x 372cm, uma grande ampulheta sustentada sobre três pernas de madeira. Do centro da escultura, coberta por fibra de vidro, a areia desce em direção ao solo, *“uma metáfora para a precariedade da memória”*, assinala Camila Perlingeiro. Sobre este trabalho, o artista disse: *“O tempo é assim. Ou está na frente, ou atrás. A gente só o percebe como armadilha, ou reflexão”*.

De Beatriz Milhazes (1960), a pintura *“Tonga II”* (1992), acrílica sobre tela, com 160cm x 160cm, *“é um exemplo de como a artista se utiliza das sobreposições e formas circulares, além da exuberância gráfica e cromática”*, aponta Camila Perlingeiro.

“Sexta-feira” (1985), em óleo sobre tela com 189cm x 340cm, de Jorge Guinle (1947-1987), *“apresenta uma vontade ordenadora, com áreas bem delineadas, contornos definidos, e recortes de estampas que têm relação com planos de fundo de obras de artistas como*

Paul Klee ou Bram van Velde”, assinala a diretora editorial da Pinakothek.

Leda Catunda (1961) esgarça os limites da arte investindo em materiais como tecido ou plástico e superfícies ora vazadas, ora volumosas. *“Rio Comprido”* (2009), obra tridimensional em tinta acrílica, plástico e tela, medindo 420cm x 310cm, *“é parte do processo de amadurecimento de sua produção”*, escreve Perlingeiro.

Luiz Zerbini (1959), artista que trabalha com diferentes suportes – pinturas, esculturas e instalações, entre outros – se utiliza de camadas de imagens da flora tropical e referências à história da arte e à cultura pop em sua obra *“The Railway Surfer and the Ghost Train”* (1990), pintura em óleo sobre tela com 140cm x 290cm, *“um experimento entre o uso do espaço pictórico e de cores luminosas e vibrantes”*, aponta a diretora editorial.

SOBRE OS ARTISTAS

Angelo Venosa (1954-2022) – Movido por intensa curiosidade desafiadora, Venosa foi um pesquisador da tecnologia como caminho para ampliar o fazer manual. Em suas obras recentes apresentou elementos formais que evocam a corporeidade de seus primeiros traba-

Leda Catunda, *Rio Comprido*, 2009

Foto: Divulgação

lhos nos anos 1980, que se distinguem dos atuais não só pelo processo, mas pelo fato de instigarem novos diálogos entre escultura e espaço. “‘Catilina’ explora um vocabulário recorrente no trabalho de Venosa. A estrutura de um esqueleto desprovido de carne e revestida com uma pele cria essa estranheza que tanto a aproxima de um fóssil quanto nos leva a enxergá-la como uma espécie de ser mutante, que ainda pode ganhar vida no futuro. Essa ambiguidade de tempos e processos é muito forte em ‘Catilina’, que nos fala de ruína, de um mundo ameaçado, mas também de gênese, daquilo que ainda pode vir” (Daniela Name, 2019).

Beatriz Milhazes (1960) – Frequentemente trabalha com formas circulares, sugerindo deslocamentos ora concêntricos, ora expansivos. A transferência de imagens da superfície lisa, pelo uso de película plástica para a tela faz com que a gestualidade seja quase anulada. A matéria pictórica obtida por numerosas sobreposições não apresenta qualquer espessura, pois os motivos de ornamentação e arabescos são colocados em primeiro plano. O olhar do espectador é levado a percorrer todas as imagens, acompanhando a exuberância gráfica e cromática dos quadros. Na opinião do crítico Frederico Morais (1936), Beatriz Milhazes revela desde o início da carreira a vontade de enfrentar a pintura como fato decorativo, aproximando-se da obra de artistas como Matisse.

Jorge Guinle Filho (1947-1987) – Jorge Guinle Filho passa grande parte de sua vida entre Paris e Nova York, onde conhece obras da *action painting* e da arte pop, decisivas em sua formação. Fixa-se no Brasil em 1977. Nos anos seguintes, o clima de abertura política no país favorece as manifestações artísticas e Guinle retoma a carreira, iniciada na metade da década de 1960, com forças renovadas. Sua trajetória é muito rápida: trabalha por sete anos, nos quais produz obras marcantes. Colorista nato, suas obras oscilam entre figuração e abstração; em *Sexta-Feira* (1985) apresenta uma vontade ordenadora, com áreas bem delineadas, contornos definidos, e recortes de estampas que têm relação com planos de fundo de obras de Paul Klee (1879 -1940) ou Bram van Velde (1895 -1981).

Leda Catunda (1961) – *“Uma das mais importantes artistas brasileiras, Leda Catunda sempre se destacou por produzir trabalhos que buscam esgarçar ao máximo o conceito moderno de pintura. Na verdade, Leda desenvolveu essa poética porque soube sintetizar – ainda nos anos 1980 –, duas grandes influências aparentemente antagônicas e excludentes: por um lado, todo o legado de uma crítica à pintura moderna, herdado de seus professores; por outro, a avalanche de informações sobre o fenômeno internacional da “volta à pintura”, que marcou enormemente a sua geração. Sintetizando esses dois influxos, a artista questionou de fato a pintura moderna, realizando trabalhos onde os limites do plano pictórico sempre foram problematizados, quer pelo uso de materiais inusitados (veludos, plásticos, pelúcias etc), quer pelas superfícies volumosas e/ou vazadas das suas pinturas”.* (Tadeu Chiarelli, *“Os planos de Leda Catunda”*, 2001)

Luiz Zerbini (1959) – Luiz Zerbini nasceu em 1959, em São Paulo, e desde 1983 vive e trabalha no Rio de Janeiro. Considerado um dos principais representantes

da Geração 80 da arte brasileira, iniciou sua atividade artística no final dos anos 1970. Sua obra transita entre a pintura, a escultura, a instalação, a fotografia, a produção de textos e o vídeo. Com uma paleta rica e luminosa, suas obras tratam de temas clássicos como a paisagem, o retrato e a abstração. O artista explora, ainda, a transposição da experiência visual bidimensional para uma experiência imersiva no espaço, utilizando-se de vídeos, slides, fotografias, objetos, pintura sobre parede e luz como ferramentas. Luiz Zerbini cria pinturas, esculturas e instalações com camadas de imagens da flora tropical e referências espirituosas à história da arte e à cultura pop.

SERVIÇO

Monumental – Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Jorge Guinle, Leda Catunda e Luiz Zerbini

Até 20 de julho

Pinakothek São Paulo

Rua Ministro Nelson Hungria, 200, Morumbi, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3758-0546

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 18h;

sábados, das 10h às 16h

Entrada gratuita



Luiz Zerbini,
Sexta-feira,
1990
Foto: Divulgação